

**O SAMURAI
NEGRO**

JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA

O SAMURAI NEGRO

ROMANCE HISTÓRICO

TEMAS E DEBATES

Círculo Leitores

SOL - NASCENTE



MAR ESTAVA CALMO e o navio avançava rapidamente, empurrado pelo vento. Ao fundo, o negrume dava lugar a um rosado suave. As velas haviam sido desfraldadas há pouco, assim que a escuridão começara a desvanecer-se e quando, por coincidência, a brisa da noite ganhara força. A maior parte dos passageiros dormia, enquanto a tripulação cumpria suas tarefas. O esforçar das velas e o barulho da água rasgada pelo monstro de madeira já não eram notados pelos navegantes, que cruzavam o mar alto há quase um mês. E todos os que viajavam naquele navio eram homens experimentados no mar; alguns já tinham visto a largueza do mundo e conheciam outros continentes e outros oceanos, e quase todos eram veteranos das rotas do mar da China.

Dois homens espreguiçando-se assomaram ao convés e espreitaram o horizonte, mas não havia nada para ver senão

o mar e o céu. Encostaram-se à amurada, mudos, taciturnos, ainda ensonados; um ficou aborrecido pela presença do outro, mas não teve ganas para se mudar enquanto recordava a terra onde nascera há mais de cinquenta anos, bem longe dali, e revia carvalhos, choupos, sobreiros, azinheiras, oliveiras ou penedos de granito que perduravam em sua memória, embora não os visse para lá de uns trinta anos. O outro lembrava a cara do pai quando se despedira para sempre e começou uma vida aventureira que durava há uns bons vinte e cinco anos, desde que embarcara num parau em Patane, muito antes de entrar ao serviço dos portugueses. O som triste de uma viola trouxe-os de regresso ao presente e ambos olharam para o castelo de proa.

Sentado junto ao mastro da mezena, Carlos começou a dedilhar as cordas do instrumento quando o primeiro pedacinho de vermelho incandescente aflorou o horizonte. Depressa o disco solar ficou resplandecente e as águas do oceano tornaram-se menos negras.

– Toca mal, o preto...

– Ora, senhor Vasconcelos, soa-me bem seu melodia.

– És preto, como ele... não percebes nada, nem sabes falar minha língua como deve ser.

O siamês enfureceu-se, mas controlou-se. Todos sabiam que Afonso de Vasconcelos era um petulante que não devia ser contrariado; só o capitão-mor da nau tinha mão nele... e com uma certa dificuldade. Passara quase toda a vida em Goa, onde casara com uma das raras mulheres brancas que

tinham vindo de Portugal. Depois de enviuar resolvera experimentar novos negócios, mas desde que passara Malaca queixava-se permanentemente de estar no meio de selvagens e de lhe faltarem as boas gentes do reino. Havia muitos portugueses naquele navio, mas, de facto, poucos tinham nascido naquela terra estranha e longínqua de que ele tanto ouvia falar e que se chamava Portugal.

Carlos continuava a dar voz à guitarra... sons que saudavam o sol-nascente.

Entretanto, Tomé subia as escadas de corda e quando alcançou o cesto da gávea assustou-se ao ver aí sentado Saburo, o samurai. Era um servidor da Casa de Omura e tinha sido batizado solenemente em Macau há dois meses.

– Senhor Miguel ! O que faz aqui?

O japonês olhou o moço negro e respondeu:

– Estamos perto de minha terra. Quero ser o primeiro a vê-la!

– Achais que estamos perto?

Saburo respondeu-lhe, gritando:

– Está ali. Olha, rapaz! Olha as montanhas de Japão.

O sol-nascente estava um palmo acima do horizonte, e, um pouco à esquerda, a silhueta de uma montanha começava a ganhar forma. As palavras de Saburo foram repetidas pelo grumete que vigiava no alto do outro mastro, os homens em baixo agitaram-se e pouco depois muitos passageiros apinhavam-se no convés; uns mercadores, dois padres da Companhia, um artilheiro alemão, um chinês, que ra-

ramente falava com alguém, vários marinheiros, incluindo um camboja e um jau, mais dois samurais da comitiva de Omura e um outro que fora a Macau em nome do senhor de Bungo; todos queriam ver a terra tão desejada, apesar de seus espíritos carregarem esperanças e dúvidas. Os cães também se juntavam à festa, enquanto os escravos, uns nascidos no sertão de Moçambique, outros de várias origens asiáticas, preparavam a refeição de seus donos. À proa, onde Carlos continuava sentado, chegava uma cacofonia de sons, pois na amurada a estibordo falava-se em malaio e, por baixo do castelo da popa, dois marinheiros discutiam em chinês da região de Macau e de Cantão; os mercadores, por sua vez, gritavam em português, enquanto um cozinheiro praguejava em malaiala, uma língua do Sul da Índia, e um dos padres ensaiava palavras em japonês com um serviçal; dois escravos falavam em sua língua de pretos, e os cães ladravam ininterruptamente. A tudo isto se juntou o estrondo de um barril de água que se soltou e que se quebrou junto a um mastro, mais os gemidos indistintos do calafate basco, que foi atingido por uma tábua na cara, e os gritos de um mestre de olhos rasgados que tentava resolver o acidente.

O capitão, em camisa, peito ao vento, interpelou o piloto, e este respondeu sem hesitar.

– Pode estar certa Vossa Senhoria... se o vento continuar de feição, chegamos pela tardinha!

– Sabes acertar com o porto novo, que os padres acabam de arranjar?

– Sim, Excelência. Também fiz esta viagem no ano que passou.

O capitão-mor continuava a olhá-lo com ar duvidoso...

– Que dez mil raios caiam sobre mim se eu não acertar com o porto de Nagasáqui à primeira!

Dom João de Almeida sorriu. «E este chinês que não evocasse dez mil coisas... Dez mil para isto, dez mil para aquilo... Não interessa, é um bom piloto, e o padre também está satisfeito com seus progressos na doutrina. Foi o primeiro batizado de sua aldeia, perto da ilha de Sanchoão, onde morreu o bem-aventurado padre Francisco Xavier.»

– Confio em ti, Adão!

– Que dez mil anjos desçam do Céu e protejam Vossa Senhoria!

Carlos olhou para o convés, mas não viu Pedro, e deixou-se ficar contemplando o mar e continuando a dedilhar a viola; a terra de Japão ia ganhando nitidez. Suspirou e deixou-se envolver por uma certa ansiedade. Iriam encontrar o tio de Pedro? A busca começada do outro lado do mundo ia finalmente terminar? Que aventura incrível eles tinham passado... Que estranha tinha sido sua vida até então. Quem era verdadeiramente ele próprio? E sua memória desfiou os acontecimentos principais que o haviam trazido àquele fim de mundo.



Carlos era filho do rei do Congo e nascera há vinte anos, segundo a contagem dos cristãos. Era um dos mais novos rebentos do soberano que, malgrado ser batizado, sempre tivera um comportamento de promiscuidade, ao contrário do que impunha a Igreja, preceito que também não era respeitado pelos portugueses, nem mesmo pelos padres que andavam por seu reino. Quando tinha cinco anos, Carlos fora enviado para Portugal para ser padre, com a esperança de mais tarde chegar a bispo, como sucedera antes com um tio chamado Henrique que ganhara tamanha distinção em tempos d'el-rei Dom Manuel I de Portugal.

Carlos nunca se adaptou à disciplina imposta pelos padres; sentia um frio constante e, ao crescer e perceber que muitos dos clérigos de Portugal eram verdadeiramente celibatários e que não tinham mulher, decidiu que iria desobedecer às ordens do pai. Foi difícil fazer vingar sua vontade, mas entretanto o pai morrera e o irmão que estava no trono do Congo foi compreensivo e ele pôde regressar a sua terra. Tinha quinze anos quando partiu de Lisboa, feliz, esperançoso de rever a mãe, os irmãos e a floresta em breve; e julgava que iria viver muito tempo com Júlia, a mulata por quem se apaixonara loucamente. No entanto, seus desejos foram contrariados.

Passada a ilha da Madeira, a caravela fora abanada por uma tempestade como se fosse uma simples folha de uma árvore, e a arte do piloto não foi suficiente para manter o navio a flutuar. Carlos escapou, sem saber como, agar-

rado a qualquer coisa que não foi ao fundo, e assim ficou até que o mar acalmou e ele ficou sozinho na água, sob o sol inclemente e o céu azul. Gritou por Júlia, mas sua amiga não respondeu. Pela segunda vez no mesmo dia julgou que ia morrer, mas em seu desmaio ouviu uns sons, e pouco depois estava caído sobre um chão de madeira e acorrentado.

Encontrava-se no convés do navio do capitão do Funchal que levava umas barricas de vinho para a capitania de Pernambuco. Carlos explicou quem era, mas suas palavras só provocaram risadas cruéis.

– Fala bem, este preto!

– Fugiste de teu dono, escravo ladino!

– Se calhar matou-o e depois atrapalhou-se com a embarcação...

– Ou é má rês e foi deitado ao mar pelo próprio dono!

– Atirem-no borda fora outra vez!

A tripulação agitava-se, agressiva, quando o capitão da caravela apareceu e decretou que Carlos seria vendido na vila do Recife. Atravessou o Atlântico acorrentado, mas quando estava exposto para venda foi reconhecido pelo padre Assunção, um seu velho conhecido dos primeiros anos em Lisboa. Os argumentos do sacerdote, que pertencia ao cabido da sé de Salvador, garantiram a libertação de Carlos. O capitão ficou sem saber o que fazer com personagem tão importante, mas entendeu que não devia recambiá-lo para Lisboa nem enviá-lo para o Congo sem uma ordem supe-

rior. Escreveu ao governador-geral, que também hesitou, e escreveu ao rei, mas a carta afundou-se com o navio que a transportava.

Entretanto, Carlos fora confiado a António da Fonseca, um dos grandes fazendeiros de Pernambuco, e afeiçãoou-se à família, particularmente a Pedro, três anos mais novo que ele, que conhecia bem a floresta em redor da propriedade. Depois de ter vivido enclausurado numa cidade, Carlos reencontrou na companhia de Pedro o prazer de mergulhar na vegetação luxuriante, de recuperar a capacidade de reconhecer sons de animais, de experimentar o fresco de um ribeiro, de voltar a subir às árvores, e relembrou suas memórias de criança.

António da Fonseca viera para o Brasil na armada de 1530, comandada por Martim Afonso de Sousa, que expulsou os franceses da região. António ficou no Novo Mundo e entrou ao serviço de Duarte Coelho, quando este obteve a capitania de Pernambuco, no ano de 1534. O capitão conseguiu estabelecer uma boa relação com os índios daquelas terras, e promovera alguns casamentos, incluindo o de seu cunhado com a filha de um chefe aliado. António da Fonseca preferiu entreter-se com muitas amigas, mas passados quinze anos, com a chegada dos jesuítas ao território, aceitou a formar uma família e escolheu Yara, a neta de um cacique seu amigo, que logo ganhou o nome de Catarina, e lhe deu três filhos: André, Tiago e Pedro, que nasceu no ano da Graça de 1555.

Três meses depois da chegada de Carlos tudo mudou repentinamente, pois um dia António da Fonseca entrou no armazém de espada desembainhada e espetou-a no corpo de sua mulher com tanta força que perfurou também o escrivão da Câmara que estava por debaixo dela. Houve agitação na vila, mas António era um dos mais antigos e respeitados moradores daquele lugar e o ouvidor nem se atreveu a abrir uma inquirição sobre o incidente. O cacique também não determinou a abertura de nenhum processo, mas ordenou a seus guerreiros que destruíssem a fazenda e que vingassem sua neta.

António estava bêbado quando as flechas em fogo começaram a cair sobre sua casa e não sentiu mais do que uns calores antes de morrer; os guerreiros deviam poupar os bisnetos do cacique, mas André e Tiago empunharam as espingardas e derrubaram vários atacantes até serem crivados de setas. Pedro tinha só doze anos, mas quis lutar com os irmãos; no entanto, Carlos puxou-o e fugiu com ele para o riacho. Bem escondidos, viram a fazenda desfazer-se num vermelho-vivo enquanto os guerreiros roubavam o que sobrava e matavam os últimos resistentes.

Quando os índios partiram, Carlos e Pedro continuaram imóveis em seu esconderijo, e assim ficaram até ao alvorecer. Os rolos de fumo atraíram alguns vizinhos, que chegaram com seus escravos, mas nada havia a fazer senão enterrar os mortos. Pedro e Carlos foram levados para a sede da capitania. Pedro não tinha nenhum familiar no Brasil nem

tampouco no reino. Os avós e muitos dos tios já tinham falecido; e não havia notícia de primos, pois os tios que tinham ficado por Lisboa haviam perdido a vida ainda pequenos; sobejavam apenas dois outros irmãos de António, que estavam no Estado da Índia: um era Sancho da Fonseca, cónego da sé de Goa; outro era Álvaro da Fonseca, de quem pouco se sabia, salvo que andava fazendo seus negócios nas águas a leste de Malaca. O capitão de Pernambuco aconselhou-se com o cónego Assunção e resolveram que o rapaz iria ser enviado para o tio, que era homem de Deus. Como não havia novas sobre o que fazer com Carlos, pareceu-lhes bem fazer a vontade do negro e deixaram-no ir com o amiguinho para a Índia. E os dois embarcaram num navio que ia a Moçambique para ver se os negros de lá eram mais baratos que os da Guiné e do Benim; em Moçambique tomariam navio para Goa.

Pedro tinha pesadelos quase todas as noites, e Carlos acordava vezes sem conta com os gritos do amigo...



– Carlos!

O príncipe do Congo sobressaltou-se, pois o grito de Pedro não vinha dos confins de sua memória, mas de perto de si.

– É Japão, Carlos!

– Assim é, Pedrinho. Aí está a Terra do Sol-Nascente.